

Capas de disco, uma performance gráfica: um estudo dos *long-plays* de canções francesas na década de 1970

Fedro Leal Fragoso,
Heloísa de Araújo Duarte Valente
UNIP

Esta comunicação pretende abordar dois aspectos, as capas de discos como parte integrante do projeto criador dos discos, no formato long-play. Muitas das capas tornaram-se emblemáticas, ultrapassando a embalagem para um dos meios de comunicação de massas mais importantes nos anos de 1970. A partir de uma amostragem das capas dos discos de cantores franceses, Edith Piaf, Charles Aznavour, Salvador Adamo e Jacques Brel, pretende-se destacar o papel exercido pelo emissor na produção da mensagem poética, a partir da linguagem visual, das capas. Esta linguagem não encerra nas imagens, ela continua emocional, a realidade existe fora da linguagem, a força da combinação dos elementos visuais. Este artigo procura significados nos elementos que são distribuídos nas capas de discos, o planejamento estruturado que desperta os sentidos, sucessivos ajustes estruturais visuais e artísticos, um sistema de sinais, estrategicamente idealizados. Analisar as capas de discos não apenas como embalagem comercial, mas como elemento de consumo da arte, da expressão artística. Procuo analisar os modelos gráficos, distribuídos nas capas de discos, a qualidade das figuras, as novidades das cores, suas combinações, a relação com a originalidade, seu tipo gráfico; a matriz impressa impressas; à qualidade da imagem a produção de discos de vinil retomou um aumento presente e consistente no mercado fonográfico mundial, as capas dos elpês se reafirmam como suporte para imagens de um elevado valor estético e técnico. Para tanto, baseamo-nos nos conceitos de performance (Cf. Zumthor, 2000) para analisar a gestualidade dos cantores em sua forma extática (fotografia, pintura e desenhos); para apontar elementos composicionais tais como gestos, posição do corpo, posição da cabeça, a iluminação, a diagramação, o olhar, posição das mãos, do corpo, as fontes e cores dispostas nas capas. Utilizaremos base teórica, estudo de campo, pesquisa exploratória, de modo a verificar como a gramática das imagens pode influenciar nos comportamentos dos consumidores de música mediada (gravações).

Introdução

Antes de iniciar, é importante ressaltar que este texto apresenta resultados parciais da dissertação de mestrado - A canção francesa e suas repercussões no âmbito da memória da cultura midiática brasileira, em andamento. O propósito do estudo é analisar o planejamento a partir da interpretação dos elementos gráficos na composição artística do produto, capas de discos, tendo como *corpus* as imagens contidas nas capas de discos das canções francesas na década de 1970.

Abraçando a hipótese de que toda linguagem icônica resultaria de uma estratégia significativa e, como tal, persuasiva, esse artigo se propõe a analisar os ‘olhares gráficos’ encontrados em algumas marcas desenvolvidas por designers para clientes de perfis diferenciados, mas que possuem em comum a utilização do olho como tema e/ou objeto central de sua concepção. (CAMPOS, 2008, p. 2-3)

O presente estudo analisa o aspecto imagens das capas, a escolha: das cores, da iluminação, dos elementos gráficos, os recortes, suas posições e imagens exploradas dos cantores na capas de discos das canções francesas na década de 1970. A elaboração das capas passa por escolhas dos elementos gráficos, que se relacionam e estabelecem significados, tradução desta arte, que passa pelo processo cognitivo. A recepção frente ao elementos visuais, a combinação destes elementos, uma arte estampada, apreciadores se encantam com os encartes, rico em fotografias, textos, desenhos, iluminação e pinturas, um ranking dos elementos se estabelecem uma unidade organizada para seduzir os observadores das capas de discos.

Podemos criar um paralelo das imagens com a dinâmica da poesia oral, estudada por Paul Zumthor: “a forma não é estável, ela é dinâmica, um dinamismo formalizado, a organização dos elementos que compõe a forma não é rígida pela regra; ela é a regra”. Os elementos gráficos e as imagens são concebidos de maneira organizada, com significativo apelo emocional: as imagens permanecem transmitindo repetidamente suas mensagens (cf. Baitello, 2012). A performance gráfica se organiza para criar a arte, esta troca olhares com seu público, a imagem nos observa e nós observamos as imagens, seus elementos criam um mundo, que exerce uma atração sobre nós e por nós é atraído.

Chegando a este ponto, é possível indagar: Até que ponto os elementos gráficos devidamente organizados se transformam em uma composição cuja performance artística dispara um gatilho de desejo? A apreciação da arte influenciado nas decisões de consumo, a audiência da obra. Além da percepção cognitiva, o estudo deve apresentar uma hipótese sobre a importância do planejamento das imagens nas capas de discos, seus elementos gráficos organizados e a importância

desta arrumação na comunicação. Ciência das linguagens, todas as formas do homem se comunicam, oral, escrita, visual, gestual, representada para compreensão das coisas. Os ambientes e paisagens sonoras influenciam na criação e interpretação dos códigos, a concentração o silêncio para exercem a tradução dos elementos e suas intenções planejadas, para aceitá-las ou escapar delas. Para Schafer (2001), o silêncio é tela de fundo sobre o qual se esboçam as nossas ações, sem as quais as mensagens permaneceriam incompreensíveis ou não poderiam sequer existir.

Mas as capas de discos existem como objetos, como meios de comunicação de massas, sobretudo nos anos de 1970. De acordo com Jose Luiz Fiorin (2004) “O problema real é como se processa a enunciação nas linguagens sincréticas, como as diferentes linguagens que a constituem manifestam um todo organizado de sentido”. A fundamentação teórica apresentará as principais referências relacionadas com o seio da pesquisa que consiste em duas principais dimensões: A performance e a paisagem sonora. O levantamento envolve uma revisão da literatura sobre o tema bem como coleta documental sobre o objeto da pesquisa.

A Cognição dos elementos gráficos

Para Zumthor (1986), o ato da leitura de modo geral, proporciona o prazer, o qual emana de um laço pessoal estabelecido entre o leitor que o lê e o texto como tal. As disposições do elementos gráficos se alteram, se transformam em consonância com os comportamento, regras sociais, normas e crenças vigentes em cada momento da história. Em cada tempo percebe-se a construção de elementos de coesão, controle sociais. A imagem em uma arte, embalagem, a imagem em um produto rico em mensagem, codificadas também pelos elementos gráficos.

A indústria da música produz, seleciona, controla, comanda o consumo musical, o planejamento e criação das capas de discos é mais que simplesmente confeccionar uma embalagem, é um convite para canção e para a emoção. Uma releitura da arte, um enquadramento dos elementos nas capas como elemento artístico para o incrementar o consumo dos long-plays na década de 1970, os long-plays estabelecem a perfeita comunicação com a sociedade e seus valores. Assim, aliar os elementos gráficos que preenchem as capas que envolvem as canções, os elementos imagéticos permitem ao espectador a compreensão de como a produção de sentido passam por uma rede sócio semiótica, a construção de significados, caracterizada tanto por elementos expressivos das produções comunicacionais, quanto por suas configurações como expressões culturais.

Arte ou apelo gráfico

A arte sempre passa por transformações, recorrente dos movimentos sociais, e provocando novos movimentos sociais, a sociedade vem ajustando suas percepções, o mundo com que tratamos e nos posicionamos em relação a vida, as pessoas e as coisas do mundo. Para o filósofo e economista britânico Adam Smith “O consumo é a única finalidade e o único propósito de toda produção”. Podemos escrever que todas as capas são arte ou podemos descobrir algum tipo de traço artístico nas capas? A arte se apresenta também nas capas de discos, pelas fontes, cores, disposições, desenhos, grafismos, fotografias, pinturas etc. Contribuem muitas vezes para impulso de desejo, serem retirados da prateleira, sejam consumidos, ocorrem um processo de diálogo, entre os elementos gráficos e a arte.

Aquilo que sabemos ou aquilo que julgamos afeta o modo como vemos as coisas. Na Idade Média, quando os homens acreditavam na existência física do inferno, a visão do fogo tinha certamente para eles um significado muito diferente do que tem hoje para nós. No entanto, a sua ideia de inferno dependia muito da visão do fogo que consome e das cinzas que permanecem, bem como da experiência dolorosa das queimaduras (BERGER, 1982, p. 12).

O processo de construção e organização dos elementos expressivos nas capas de discos aponta escolhas. Por este motivo, figuram mais elementos na capa, além do nome do intérprete. Por isso mesmo, não podemos deixar de conceber e acreditar que os elementos gráficos organizados nas capas de discos são dispostos de forma planejada para produzir aproximação com o espectador. Para Baitello (2012), pagamos nove preços pela imagem e apenas um preço pelo produto. A representação visual de símbolos e imagens no comando das capas de discos, pautamos nossa vida pelas imagens, desejamos ser com mais imagens. As imagens cada vez mais se tornam o produto, tomando a frente muitas vezes como o principal produto- as cores, a iluminação, a fotografia, as fontes gráficas - estabelecem uma relação cada vez mais forte com os consumidores de arte inclusive na arte musical. Os elementos gráficos não são apenas inseridos e colocados na capas de discos e sim caprichosamente planejados, uma performance gráfica e artística. Poderíamos facilmente afirmar que performance gráfica das artes da capa dos discos pode ajudar na vendagem da obra musical, as embalagens na busca dos seus consumidores, a sociedade com necessidades de observar e interagir com signos dinâmicos. Pessoas buscam a arte como saída para momentos festivos, o que, conseqüentemente, estimula a sociedade para decodificar e despertar o desejo do consumo dos produtos. (HALL, 2003, p.401), desconstruindo o significado original da mensagem

para que este – ainda que mantenha vínculo estreito com a definição dominante em termos globais – assuma características que atendam a demandas específicas (localizadas) que o receptor sente necessárias no processo comunicacional. Podemos observar no trabalho a comunicação, os elementos, os códigos se transformando em uma performance das imagens nas capas de discos, estas em harmonia e semelhança com seus rótulos, uma performance que facilmente vão acompanhá-los durante suas carreiras, e após seus óbitos. A sociedade necessita e se utiliza de referências artísticas, para externar os seus sentimentos vividos em momentos de lamúria. Para Baitello (1997 p18-19) “A cultura é o macrossistema comunicativo que perpassa todas as manifestações e como tal deve ser compreendido para que se possam compreender assim as manifestações culturais individualizadas”. Todavia, o aspecto da interferência midiática das empresas de comunicação, muitas vezes perversa, mercenária e habilidosa em modelar e definir padrões sociais, estas ações também são planejadas para as capas de discos, que protegem e embalam a canção. As capas não apenas no papel de informar e proteger a canção, mas também de ser vanguardista na aplicação de comportamentos que vão guiar os elementos gráficos ao seu público. As imagens são planejadas para serem interpretadas, são parciais, organizadas e direcionadas o bom observador pode enxergar o que a arte se propõe, o que quer imprimir e realizar ou apelar.

As capas dos long-plays

O olhar para o céu, para o Olimpo, aquilo que é criado na mente de quem vê o signo, o significado daquilo que vemos. O olhar para o máximo do esplendor, lamento, tristeza, melancolia, perdão, suplicio. Da relação do signo com o objeto o signo pode ser um ícone, que tem semelhança com o objeto representado, suas cores escuras tristeza e o olhar para o alto.

Figura 1. Imagens da capa e contracapa do disco *Mon Legionnaire* – Fontana



Fonte: Discogs. https://www.discogs.com/pt_BR/Edith-Piaf-Mon-Legionnaire/release/8409976. Acesso em 09 de maio de 2021

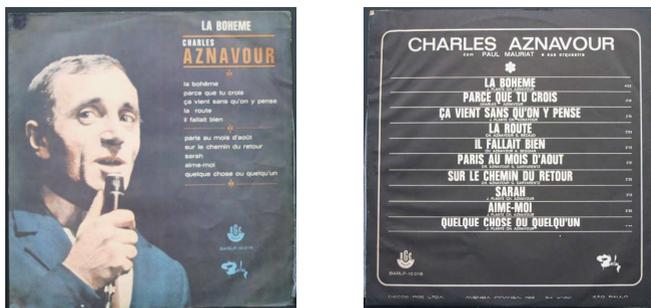
Figura 2. Imagens da capa e contracapa do disco *Retrato de Edith Piaf* – EMI



Fonte: Discogs. https://www.discogs.com/pt_BR/Piaf-Retrato-De-Edith-Piaf/release/4460000. Acesso em 09 de maio de 2021

Projeto artístico representando o sofrimento da cantora. Olhar distante, contraste de luzes e sombras. A capa e contracapa diagramada com as informações no eixo central. Moldura, Ilustrações ao redor o artista/designer desenhou manualmente, um invólucro harmonioso dos elementos com toda a peça. Olhar distante, contraste de luzes e sombras.

Figura 3. Imagens da capa e contracapa do disco *La Bohème* – RGE



Fonte: Discogs. https://www.discogs.com/pt_BR/Charles-Aznavour-La-Boh%C3%AA-me/release/11908431. Acesso em 09 de maio de 2021

Signo com o objeto pode ser um índice, quando o signo tem relação direta com o objeto que mostra algo que aconteceu ou vai acontecer, na imagem da capa de disco acima, Charles Aznavour já cantou, está cantando ou vai iniciara canção. Capa fundo infinito, iluminação de palco (dura), o microfone parece uma garrada que Aznavour irá abrir com os dentes Cores da comunicação (azul + laranja) – Psicologia das cores contracapa – eixo central linhas que separam as seções Tipografia sem serifa, fácil leitura.

Figura 4. Imagem da capa do disco *Portfolio* - Island Records



Fonte: Discogs. <https://www.discogs.com/Grace-Jones-Portfolio/master/56285>. Acesso em 09 de maio de 2021.

Capa futurista, moderna, contemporânea, atemporal em harmonia com a artista irreverente, o fundo azul lembramos, nos encaminha para o mar, para o céu para a liberdade natural e a imagem quase gráfica e angular do rosto da cantora envolve e fecha uma sensação de liberdade com elementos gráficos naturais e artificiais. Fundo infinito sumindo a roupa da artista (cantora). Conseguimos ver um triângulo imaginário central (invertido). LP com o fundo infinito invadindo o céu e ligando ao mar junção do Futurismo e o Naturalismo. Guimarães (2001), analisa os determinantes culturais que nos levam a perceber e a proceder a analogias na produção de sentido das cores, apoiado nos estudiosos da semiótica da cultura, notadamente nas ideias do tcheco Ivan Bystrina. A semiótica pode ser entendida quando verificamos a realidade a nossa volta, e vemos que ela está em todos os lugares. As capas despertam um prazer, uma felicidade, um fantasia pela combinação planejada das imagens.

Essa felicidade de ação e projetiva em relação a vida cinzenta e morna dos homens privados de todas as possibilidades de ação criadora ou responsável; está igualmente em oposição com uma outra concepção da felicidade que se desenvolve no seio da civilização, e à qual a cultura de massa, em seu setor prático e informativo, empresta sua colaboração. (BAITELLO, 1997, p. 125)

As capas de discos não apenas como embalagem comercial, mas como elemento de consumo das cores, as capas de discos disparam a libido do “consumidor”, os produtos da expressão artística humana. A compreensão dos objetos de sentido, das quais a Semiótica se ocupa. O homem como signo e a mente como

um fenômeno externo. Signos é tudo que nos faz lembrar de algo e é perceptivo aos nossos sentidos, é a essência da semiótica.

Conclusão – um entorpecimento pelos elementos gráficos performáticos para um arrebatamento dos espectadores das capas de discos pela arte e imagens

O trabalho revelar um cenário bem articulado, organizado, executando uma performance dos elementos gráficos nos trabalhos artísticos dos long-plays analisados, conduz a um modelo artístico. A importância do estudo da cognição na interpretação conduzida da arte está determinando para o aumento do consumo. Analisar a importância dos signos dentro das dimensões estudadas na Comunicação. O long-play sobreviveu um período da história e não chegaria ao final dos anos 1990, comparando com a concorrência de outras artes, como as capas de livros, telas onde o tempo é ínfimo: “A felicidade moderna implica, em todos os casos, a adesão - aderência à realidade fenomenal, ao mundo empírico da vida vivida. Nas projeções imaginárias, a felicidade não é um sonho extraterrestre, uma busca de belas atitudes contemplativas”. (MORIN, 2002, p. 127-128).

Vários padrões serão fabricados a partir da arte. A arte contemporânea, os modelos de imagens e *design* gráfico para o consumo, um código atualizado, a perfeita comunicação com seu público, pela condução e acomodação das ideias, tudo estampado nos elementos gráficos bem decodificados. Para Hall (2003), é dentro dos sistemas de representação da cultura e através deles que nos “experimentamos o mundo”. Uma proposta oportuna a experiência do espetáculo definida pelos elementos visuais, tendo para a música dos anos de 1970 e as suas capas e long-play como o modelo perfeito. Neste curto espaço de tempo as capas de long-play foram veículos de transmissão para a poesia se estabelecendo como elemento poético e determinante para os movimentos sociais.

Referências

- BAITELLO JR, Norval. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: UNISINOS, 2012.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. Lisboa: Edições 70, 1982
- CAMPOS, Jorge Lucio; LIMA, Carlos Alberto Soares. **Olhares gráficos: design, conceito e identidade visual**. 2008.
- FIORIN, José Luiz. Semiótica e comunicação. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**. ISSN 1982-2553, n. 8, 2004.
- GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação – a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2004.
- HALL, Stuart. **Codificação/Decodificação**. In: HALL, Stuart, SOVIK, Liv (org.). **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- MORIN, Edgar; **Cultura de massa século XX**. Forense Universitária 2002.
- SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Edunesp, 2001.
- ZUMTHOR, Paul, **Performance, recepção e leitura**, Cosac & Naify, 1986